

Felipe Lara, 31, posa para foto no bairro de Tribeca, em Nova York

Ex-guitarrista de rock, compositor erudito brasileiro radicado em Nova York Felipe Lara ganha inédita projeção internacional, com apenas 31 anos

IRINEU FRANCO PERPETUO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

No próximo sábado, dia 13, no Festival Ars Música, em Antuérpia, na Bélgica, o Quarteto Arditti toca "Tran(slate)", do compositor brasileiro radicado em Nova York Felipe Lara.

Fundado pelo violinista britânico Irvine Arditti em 1974 e atração da edição de 2010 do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, o grupo já gravou nada menos que 160 CDs e é tido como o mais destacado quarteto de cordas do planeta no quesito interpretação de música contemporânea.

Ser tocado pelo Quarteto Arditti é uma honra para qualquer compositor. No caso do jovem sorocabano de 31 anos, contudo, está se tornando uma rotina. "Conheci o quarteto em 2005, quando ajudei a organizar um concerto com música nova dos doutorandos em composição da NYU (Universidade de Nova York)", conta Lara.

Foi para este evento que ele escreveu seu primeiro quarteto de cordas —"Corde Vocale", que o grupo apresentou em São Paulo, em 2007, quando participou do Festival Música Nova.

Não parou por aí. Em 2008, Lara embolsou os € 3.000 do Staubach Preis no 44º Curso de Férias de Música Nova de Darmstadt —o evento que transformou a cidade germânica, no pós-Guerra, na meca das vanguardas da música contemporânea por disseminar as estéticas de compositores como Pierre Boulez, 84, e Karlheinz Stockhausen (1928-2007).

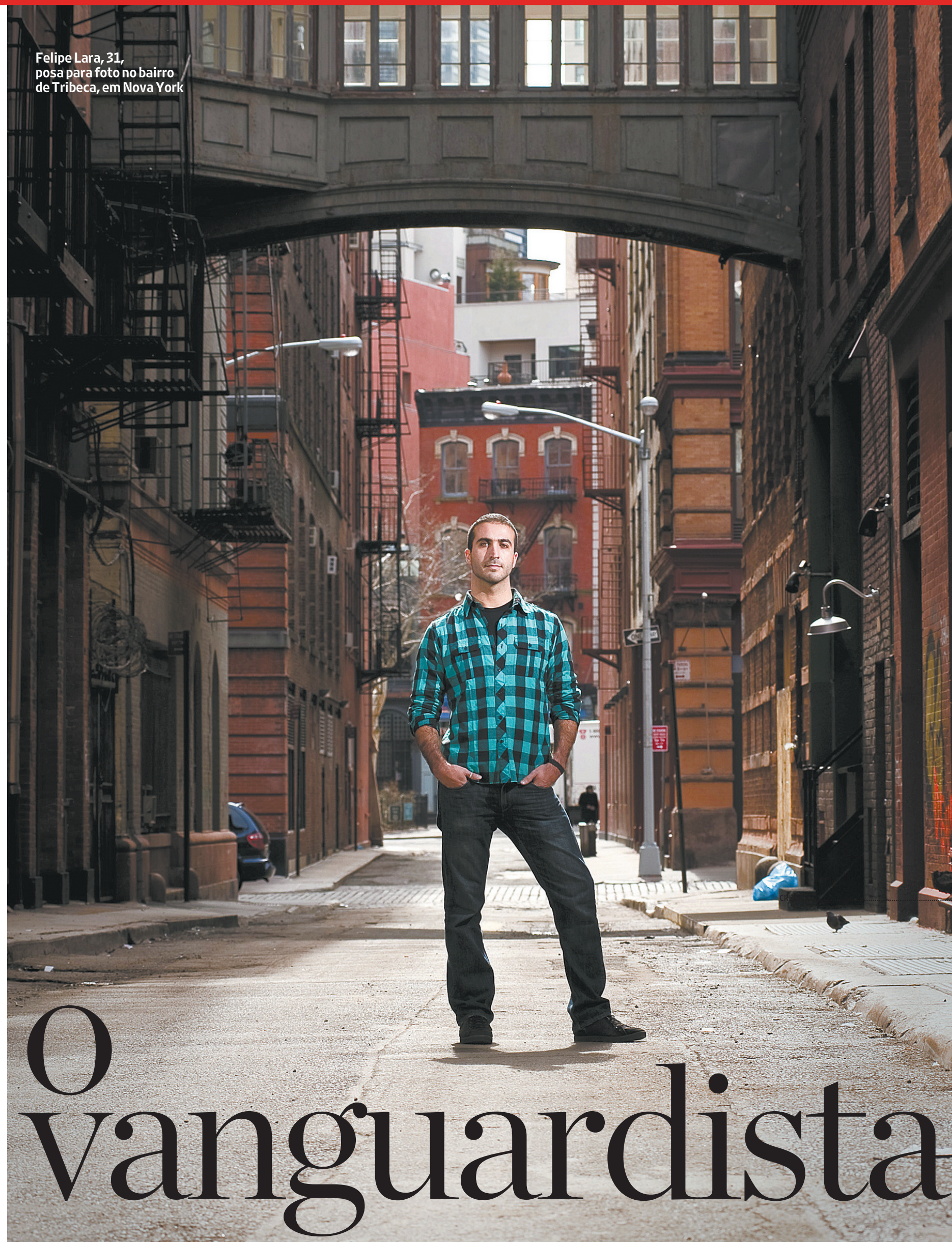
Pois bem: a obra com que Lara venceu o prêmio foi justamente "Tran(slate)", que mistura a execução do quarteto de cordas com recursos eletrônicos em tempo real.

"Em 'Tran(slate)', utilizo gravações de samples da minha voz e de três harmônicos complexos do violão como material harmônico", explica. A obra também tem, contudo, uma versão puramente instrumental, sem recursos eletrônicos.

É nesse formato que "Tran(slate)" será tocado em Antuérpia pelo Quarteto Arditti. E é nele, ainda, que acaba de ser apresentado em Nova York, pelo Jack Quartet. O tom da crítica assinada por Anthony Tommasini no "The New York Times", na última quinta-feira, dia 4, é altamente elogioso.

Tommasini chama a obra de "brilhantemente realizada", e descreve como todas as sonoridades específicas da música eletrônica "são evocadas pelos músicos em uma obra tecnicamente formidável e amplamente variada, que evolui em seções crepitantes. A performance foi um 'tour de force' de intensidade e cor".

Neste ano, Lara tem ainda duas encomendas internacionais: o Ensemble Recherche, da Alemanha, pediu-lhe um "Liebeslied" ("Canção de Amor"), uma peça puramente



O Vanguardista

instrumental para incluir na turnê em que comemora 25 anos de atividade.

Também em terras germânicas, o Donaueschingen Musiktag, o mais antigo festival de música contemporânea do planeta, realizado desde 1921 no sudoeste da Alemanha, estreia

BARÍTONO BRASILEIRO ESTREIA EM NY

O barítono brasileiro Paulo Szot estreou na sexta no Metropolitan de Nova York. Szot interpretou o protagonista da ópera "O Nariz", de Chostakóvitch, baseada em conto homônimo de Gogol, sob regência de Valery Gergiev.

Neste ano, ele ainda canta em uma montagem de "Carmen", de Bizet, em Valência, com o maestro Zubin Mehta. Em novembro, em Nova York, começa os ensaios de um musical baseado no filme "Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos", do espanhol Pedro Almodóvar.

uma obra do compositor em outubro com a Netherlands Chamber Radio Philharmonic, de Amsterdã, sob a batuta do regente e compositor húngaro Peter Eötvös, 66.

Nascido em Sorocaba, em 1979, e criado em São Paulo, Lara era, na adolescência, um guitarrista de rock que se apaixonou por jazz e MPB. Em 1999, ganhou uma bolsa para estudar seu instrumento e arranjo na Berklee College of Music, em Boston (EUA).

"Até então, eu conhecia pouquíssima música clássica, e quase nada escrito depois da 'Sagração da Primavera'", afirma, citando o célebre bailado do compositor russo Igor Stravinski (1882-1971), estreado em Paris, em 1813.

A virada foi um concerto da Sinfônica de Boston, regida por Seiji Ozawa, tocando a "Sinfonia Turangalila" (1948), do francês Olivier Messiaen (1908-1992). A partir dali, Lara resolveu virar compositor. Seu site (www.felipelara.com) lista 32 obras de sua autoria.

Hoje, ele é doutorando em música na Universidade de Nova York, onde pesquisa a obra do francês Tristan Murail, 63, seu professor, e um dos principais nomes da corrente vanguardista conhecida como espectralismo.

Comentário

Complexas e "difíceis", composições não são para ficarem engavetadas

SIDNEY MOLINA
CRÍTICO DA FOLHA

Como seria se a busca de "unidade na diversidade" (que é a assinatura de um autor como Mozart) se unisse com o trabalho de variação contínua sobre um "mínimo denominador" (que define a personalidade poética de Beethoven)? Uma resposta pode ser "Tutti", de Felipe Lara, escrita para uma formação camerística análoga à de "Pierrot Lunaire" de Schoenberg (1874-1951), e disponível em excelente gravação no CD "Música Plural" (2009), interpretada pelo Percorso Ensemble dirigido por Ricardo Bologna.

Escrita em apenas um mês quando o compositor contava 25 anos (ele acaba de completar 31), não é, entretanto, música tradicional: "Tutti" é obra "difícil", conectada com os experimentalismos das vanguardas da segunda metade do século 20. Nela todos os músicos tocam o tempo todo (não há solos), o que permite escutar o

grupo de câmara como se fosse um único instrumento complexo: esse som, "sintetizado artesanalmente", flui e refluí até estancar em momentos de saturação e colapso —ou mesmo em "pausas para reflexão", como ocorre perto do final.

Ao mesmo tempo, cada linha de cada instrumento é também um todo em si, construído minuciosamente de modo ora a preservar, ora a subverter características idiomáticas. A solução de confrontar a estaticidade dos harmônicos naturais (a série harmônica) com quatro séries dodecafônicas, a capacidade de graduar e recusar a linearidade rítmica e o controle da tensão formal entre desenvolvimento retórico e justaposições súbitas são algumas das categorias brilhantemente trabalhadas na peça.

Mais do que um "hegelianismo delirante", as antinomias de Lara parecem compor uma teia que abarca lógica formal e dialética, como se saíssem da "filosofia concreta" de Mário Ferreira dos Santos (1907-68).

"Tran(slate)" (2008), por outro lado — a obra que será apresentada pelo Quarteto Arditti no Festival Ars Musica da Bélgica —, dramatiza "kantianamente" a inquietação diante da impossibilidade de acessar "coisas em si". Tal como em "Corde Vocale" (2006), o primeiro quarteto de cordas, também estreado e gravado pelo Arditti (o registro está no CD "Quatro Visões Contemporâneas na Música Paulista", de 2008), processos radicais de "tradução" acabam por se tornar uma imagem do próprio ato de compor.

Em entrevista à *Ilustrada*, o diretor turco Semih Kaplanoglu (vencedor do Urso de Ouro no Festival de Cinema de Berlim deste ano) definiu seus filmes como "difíceis". Isso não impede, entretanto, que sejam realizados, apresentados, premiados e debatidos. Felipe Lara não escreve música para ficar engavetada: sem abrir mão das cicatrizes do espírito, sua musicalidade complexa atrai intérpretes e provoca a escuta.